

Pai e filho conseguiriam
transformar um sonho impossível
em realidade?

O que o amor pode construir

Por MEG LAUGHLIN

Unidos Para Sempre— Carlos e o
filho Agustin na piscina de sua casa.

DELIA Carricaburu olhava insistentemente o relatório do pediatra enquanto voltava para casa, em Miami, com o filho Agustin, de 1 mês. Havia três cromossomos 21 em vez de dois. Isso significava síndrome de Down.

Concentrando-se na estrada, Delia tentava não pensar no que lhe dissera o pediatra: provavelmente Agustin não conseguiria falar de forma a ser compreendido pelos outros e tampouco poderia ler ou escrever. Talvez viesse a comer e a se vestir sozinho, mas nunca seria capaz de trabalhar ou viver por conta própria.

Delia não suportaria dar a notícia ao marido, Carlos. Era o segundo casamento de ambos, e Agustin, nascido em 22 de junho de 1988, era seu primeiro filho com Carlos.

Naquela noite, ela escreveu um bilhete num pedacinho de papel: "Meu anjinho precioso, guardião de meu segredo, você e eu mostraremos ao mundo que um minúsculo cromossomo não irá nos controlar."

Delia jamais compreendeu inteiramente por que escondeu do marido a condição do filho. Mas a necessidade de negar a verdade era tão forte que ela conseguiu se convencer de que a síndrome de Down iria desaparecer. "Se eu tivesse me forçado a enfrentar a realidade, teria sucumbido", confessa.

Carlos se deu conta de que havia algo errado quando, aos 20 meses, o filho ainda não falava. Lembrou-se de que Delia, certa vez, fora pegar os resultados de uns exames com o pediatra, e a pressionou.

Delia, então, acabou lhe contando que o filho tinha um problema chamado síndrome de Down, esperando que o marido, criado na Argentina, não compreendesse o significado da expressão. Mas Carlos compreendeu imediatamente: "Nosso filho é mongolóide?", sussurrou.

Logo a seguir, Carlos passou a negar o fato. Ele não falava sobre a condição de Agustin, mas estava claro que não conseguia pensar em mais nada. Certa noite, enquanto Delia lia para ele em voz alta um trecho da biografia de Henry Ford, Carlos a interrompeu e disse: "Fui uma criança com desenvolvimento atrasado."

Mas o que Carlos mais temia era nunca conseguir aproximar-se de Agustin; que seu amor de pai fosse bloqueado por um cromossomo extra que o impediria de se relacionar com o filho.

Aproximação

Com quase 3 anos, Agustin apenas balbuciava umas poucas palavras. Durante uma série de testes no Centro Mailman de Desenvolvimento Infantil, na Universidade de Miami, pediram-lhe que apanhasse moedas de um centavo de cima da mesa para avaliarem sua coordena-

ção motora. Ele se atrapalhou, sem conseguir pegar as moedas com os dedinhos gorduchos, mas então as empurrou até a borda da mesa, para que caíssem dentro da outra mão, e exibiu-as alegre.

Outro avaliador mostrou-lhe um desenho representando flores num vaso. “Encontre o outro vaso com flores”, disse-lhe, apontando para outra página com diversas imagens. Agustin caminhou até a mesa vizinha, pegou um vaso com flores e o colocou ao lado do desenho.

Carlos, que assistia com assombro crescente, ficou exultante. “Nosso filho pensa o tempo todo”, disse a Delia, animado.

Um membro da equipe revelou a Carlos que Agustin era extraordinariamente inteligente para uma criança com síndrome de Down, e que o fator mais importante para seus avanços dependia da disposição dos pais e dos professores em trabalhar com ele.

De repente, a barreira existente entre Agustin e Carlos se dissolveu. Agora, o pai acreditava que conseguiria chegar ao filho. E sabia exatamente como o faria.

Um pai e sua fé

O pai de Carlos fora um homem incrivelmente engenhoso. Ele e Carlos haviam construído um carrinho com madeira e restos de sucata, quando Carlos tinha 10 anos. A se-

guir, com objetos achados, montaram um motor de barco. A paixão e as habilidades do pai foram passadas para Carlos, que na adolescência construíra um carro. Mais tarde, tornou-se maquinista, passando a ganhar a vida com o uso das mãos – assim como fizera seu pai. *Assim como fará meu filho*, prometeu-se Carlos.

Seu plano era conseguir que Agustin realizasse tarefas cada vez mais difíceis com as mãos e com a mente. Talvez um dia pudessem

construir um motor de barco juntos – talvez até algo muito mais espetacular. E assim foi. Antes de aprender a falar, Agustin já sabia pregar uma tábua em outra, tirar os pedais da bicicleta da mãe com uma chave inglesa e consertar os patins da irmã.

Aos 5 anos, Agustin era fluente em inglês e espanhol. Um teste mostrou que seu QI estava pouco acima de 70, o que indicava um retardo moderado. Ainda assim, com 6 anos ele conseguia ler e escrever. Aos 7, no entanto, quando Agustin foi matriculado numa escola pública, na turma para “deficientes mentais educáveis”, Delia e Carlos notaram uma regressão. Ele não conseguia dormir à noite. Tinha dificuldades em acompanhar a aula de educação física, queixava-se de não conseguir enxergar o quadro-negro e recusava-se a fazer grande parte das tarefas escolares. Mas um exame de-

Ele temia que o cromossomo extra o impedisse de se relacionar com o filho.

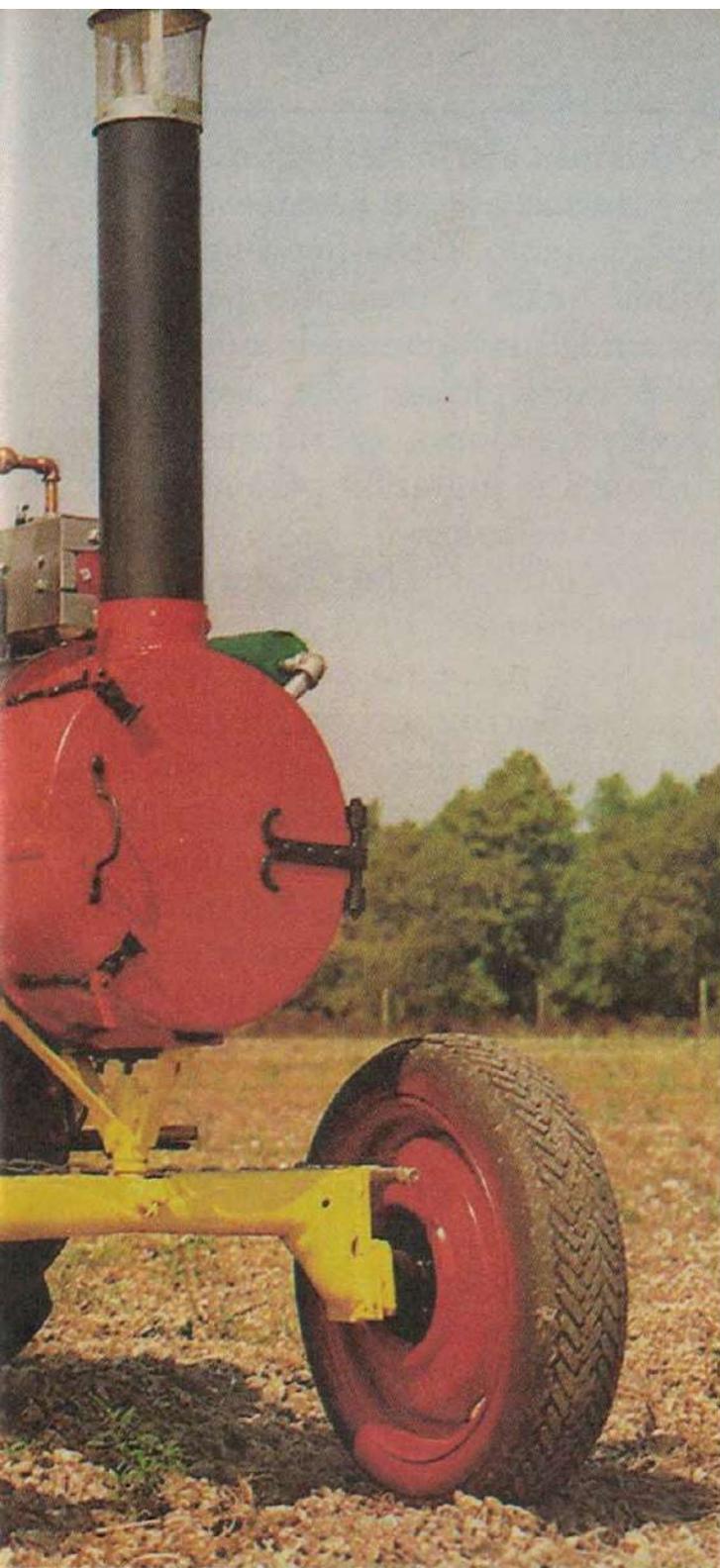


Habilidade Motora- Agustin e o pai com o trator que construíram a partir de uma fotografia que o menino viu num livro.

monstrou que sua visão era normal. “Está bem, eu consigo enxergar”, o menino finalmente admitiu, “mas é muito chato copiar do quadro.”

Como Agustin estava ficando para trás, Carlos decidiu acelerar o próprio programa de ensino. O ga-

roto adorava ficar olhando imensos guindastes nos livros; assim, após as aulas, pai e filho saíam de carro pela cidade, em busca de guindastes para olhar e desenhar. Mais tarde, os dois arranjaram tampas de vidros, rodas de um velho carrinho e prateleiras



de metal, e construíram o próprio guindaste. “Para eu pegar meus brinquedos”, Agustín disse ao pai.

Então, o menino viu num livro a foto de um trator Case a vapor, modelo de 1906. Era vermelho, verde e amarelo, com pinos prateados, tubulações de cobre e remates em latão. E, o melhor de tudo, havia um fazendeiro sorridente dirigindo-o. “Quero

que este aqui seja eu”, disse Agustín.

Carlos já havia pensado no fato de que o filho provavelmente nunca dirigiria, e jamais saberia o que é controlar máquina de grande porte. Achou então que ajudaria à auto-estima de Agustín sentar-se atrás de um volante – mesmo que isso significasse assumir uma tarefa dispendiosa e quase impossível. Perguntou a Delia o que ela achava de ele tirar uma licença do trabalho para se dedicar à construção de um trator com o filho.

Delia mostrou-se cética – e preocupada. Isso significaria mais trabalho para ela e menos dinheiro para a família. Foi então que leu o poema “Cavalgue um cavalo selvagem”, de Hannah Kahn, cuja filha tem síndrome de Down:

Cavalgue um cavalo selvagem pelo céu. / Agarre-se bem às suas asas, / Antes que venha a morte. / Não importa o que deixe por fazer, / Cavalgue um cavalo selvagem rumo ao sol, / Ao menos uma vez.

E pronto! Delia tinha a resposta da qual precisava. Vendeu o piano e o sofá para ajudar a financiar o projeto.

Lado a lado

Antes de Carlos e Agustín começarem a construir o trator em novembro de 1997, Carlos passou semanas tentando decifrar como fabricar a engrenagem de transmissão, as travas do contra-eixo, o volante do motor e a embreagem de fricção. O trator não seria movido a vapor – perigoso demais –, mas por um motor de cinco cavalos. E as proporções

seriam reduzidas para que Agustín pudesse dirigi-lo. No mais, ele seria exatamente igual ao original.

Uma vez elaborados os planos, Carlos e Agustín passaram a acordar ao amanhecer, pegar suas caixas de ferramentas e partir para a oficina de Carlos. E lá os dois trabalhavam juntos, alegres, até o anoitecer.

Carlos queria principalmente que Agustín adquirisse o hábito de ver um objeto e pensar no que este poderia vir a ser. Fizeram o eixo de manivelas de um cilindro de impressão. Os cubos das rodas foram tirados do rotor de uma bateadeira, o cárter do motor e o pára-lamas, de bandejas para recolher gordura em churrasqueiras. Usaram velhas sapatas de freio para a embreagem e tampos de balcão para as plataformas.

Agustín colocava porcas e as apertava. Lubrificava e pintava. Escolhia as peças. Era capaz de ver um acessório num ferro-velho e explicar ao pai como poderiam transformá-lo numa dada peça. Às vezes, Delia encontrava Agustín debaixo de seu carro, com uma lanterna, tentando decifrar como as peças se conectavam.

Um cavalo selvagem ao sol

Em maio de 1998, após Carlos e Agustín trabalharem seis meses, a família foi até a oficina para a volta inaugural no trator. Agustín seria o primeiro a dirigir o veículo.

Quando Carlos levantou a porta da garagem e levou o trator até o estacionamento, Delia ficou perplexa. Tinha quase o tamanho padrão e era ainda mais bonito do que o trator do livro. Assim que Carlos deu partida no motor, as crianças da vizinhança se juntaram para assistir à saída do veículo.

– De onde saiu esse trator? – gritou um menino.

– Meu pai e eu construímos – Agustín berrou, acima do barulho do motor. – E eu sou o tratorista.

– Incrível! – exclamou o garoto.

Agustín entrou na cabine feita sob medida. Colocou uma das mãos no volante e a outra na janela, exatamente como fazia o pai quando dirigia o carro da família. Engrenou o veículo, que deu uma guinada para a frente e começou a deslizar sobre a calçada com toda a energia e perseverança dedicadas à sua construção.

– É lindo – sussurrou Delia.

– Conseguimos! – gritou Carlos.

Agustín não ouviu o pai. Estava ocupado demais fazendo o que tão poucas pessoas portadoras da síndrome de Down têm a oportunidade de fazer: assumir o controle.

– Escute só o apito! – gritou Agustín, animado, para a mãe.

Ao puxar a corrente, soou uma buzina, como o som de um trem distante – ou de uma jornada de esperança pela noite escura.

Se você pensa que alguma coisa está certa só porque todos acham isso, não está pensando.

–VIVIENNE WESTWOOD